

# A obra *Sobrados e Mocambos* e a mudança social no Brasil

MARIA JOSÉ DE REZENDE

**MARIA JOSÉ DE  
REZENDE** é professora de  
Sociologia da UEL.

## INTRODUÇÃO

A obra *Sobrados e Mocambos* objetiva reconstituir e interpretar o patriarcalismo no Brasil a partir de pessoas e de instituições que lhe deram materialidade. Ao cobrir os diversos aspectos deste sistema, Gilberto Freyre detalha as mudanças ocorridas no seu interior em vista, fundamentalmente, dos elementos extrapolíticos, ou seja, culturais. Segundo ele, o processo de decadência do patriarcalismo no país elucida a vigência de um equilíbrio de antagonismos e de uma interpenetração étnico-cultural que se firmam às sombras das casas-grandes e que passam a ordenar a sociedade brasileira e as suas transições.

Gilberto Freyre constrói um ideário de mudança social pautado na otimização do passado, a qual norteia a sua perspectiva de um devir não-assentado em radicalizações. Embasa as suas obras a concepção de que

vigora no país uma miscigenação bloqueadora de ações conflituosas e de oposições intransponíveis. O mocambo não era o complemento do sobrado como a senzala o era da casa-grande, havia uma relação de oposição, porém, marcada pela flexibilidade e pela plasticidade.

A substancialidade da concepção de mudança social de Freyre está no não-esvaziamento do caráter antagônico das relações sociais, econômicas e políticas. Não há harmonias, mas sim formas de conciliação das diferenças em vista da dualidade cultural cristalizada na sociedade brasileira. Por isso, todas as transições se definem em “sentidos sociais [...], democráticos, flexíveis e plásticos” (Freyre, 1994, p. 52).

## A IMPORTÂNCIA DA OBRA *SOBRADOS E MOCAMBOS* PARA O ESTUDO DA MUDANÇA SOCIAL EM FREYRE

A primeira edição da obra *Sobrados e Mocambos* (1936) foi substancialmente modificada por Gilberto Freyre quando da publicação da segunda edição em 1951. Tanto no prefácio quanto na introdução a esta última ele esclarece, respondendo ou-trossim a algumas críticas que vinha recebendo, que as alterações visavam reforçar os elementos que facilitam uma interpreta-

ção mais lógica que cronológica da sociedade patriarcal no Brasil.

Os sete capítulos existentes na edição de 1936 foram renovados à luz de sua preocupação com a interpenetração dos vários aspectos (sociológicos, históricos, psicossociais, socioecológicos e antropológicos) que deram substância à paisagem social brasileira. Considera-se, então, que os acréscimos aos capítulos existentes e a inclusão de mais cinco capítulos novos que ocorreram na segunda edição transformaram, de modo extremamente positivo, as reflexões realizadas na década de 30. Razão pela qual toda análise da obra *Sobrados e Mocambos* deve considerar as alterações substanciais entre a primeira e as demais edições que se seguem.

A prevalência, no Brasil, de relações sociais marcadas ao mesmo tempo por um processo de coerção, de subordinação, de incorporação e de acomodação que fundamenta toda reflexão de Gilberto Freyre acerca das mudanças que tomaram corpo, no país, durante os séculos XVIII e XIX (Freyre, 1961; 1977; 1962; 1980; 1985; 1975; 1973) (1), é posta em relevo nas modificações incorporadas à segunda edição da obra em questão.

O tipo social de brasileiro formado nesse ambiente de *Casa-grande & Senzala* e de *Sobrados e Mocambos* define-se na busca de combinação entre os extremos an-

1 Este trabalho é parte de uma pesquisa maior sobre a constituição de um ideário conservador sobre mudança social no Brasil. Dentre os pensadores estudados estão: Perdigão Malheiros, Tavares Bastos, Joaquim Nabuco, Silvio Romero, Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. Ver Rezende, 1998; 1998a.

tagônicos (2). Na época do declínio do patriarcalismo, por exemplo, o encurtamento de distâncias sociais torna possível o amortecimento das lutas entre os diversos agentes, segundo ele.

O que Fernando de Azevedo afirma sobre *Casa-grande & Senzala* (Freyre, 1994) pode-se estender, também, para *Sobrados e Mocambos*, ou seja, esta última obra é também um “estudo da organização econômica, da cultura, dos caracteres e dos tipos sociais; na observação exata e fina dos meios da sociedade patriarcal (3) e das paisagens que a enquadram; na representação quanto possível fiel dos fatos e na expressão dos sentimentos que distinguem as figuras, grandes ou humildes, em evidência ou obscuras [...]” (Azevedo, 1962, p. 192).

A importância da obra *Sobrados e Mocambos* para a problemática da mudança social está no fato de que ela constrói, juntamente com *Casa-grande & Senzala* e *Nordeste* (Freyre, 1967), “hipóteses fecundas sobre o modo pelo qual se organizara a sociedade brasileira – segundo pensa [Freyre], ela resultara de processos dinâmicos de interpenetração do escravismo, do sistema de produção da ‘monocultura latifundiária’ e do ‘patriarcalismo polígamo que caracterizava a organização social e sexual do Brasil antigo” (Castro Santos, 1985). “Sobre estes três eixos, diz [Freyre], construíra-se o país” (Castro Santos, 1990, p. 47) e, portanto, todo processo de mudança social.

Por que a obra *Sobrados e Mocambos* é fundamental para entender a concepção de mudança social em Gilberto Freyre? (4). Ele nos dá esta pista ao afirmar que este livro pretende demonstrar a quebra da acomodação e a constituição de novas relações de subordinação, de novas distâncias sociais, de novos antagonismos entre os dominadores e os dominados (Freyre, 1961, p. XXI). “Mostrava, ainda, como o patriarcalismo, que parecia uma estrutura monolítica e homogênea, gerava, em suas entranhas, a semente de sua contestação, e que, além das relações contraditórias entre o senhor e o escravo, entre o negro e o branco, havia

contradições também dentro da própria família patriarcal” (Andrade, 1998, p. 42).

*Sobrados e Mocambos* demonstra que o mulato foi o ator social que deu materialidade ao processo de acomodação dos antagonismos, na medida em que ele era valorizado pela cultura intelectual ou técnica (Freyre, 1961, p. XX), o que constituiu um dos elementos de alteração da paisagem social durante o declínio do patriarcalismo no Brasil (5).

Aquela obra torna-se, assim, uma das mais completas no sentido de pontuar em uma época tanto os desajustes econômicos quanto o processo de constituição de novas relações de poder no Brasil patriarcal, o que deve ser compreendido a partir da convicção de Freyre de que “as épocas são para o sociólogo que as considera sob o critério genético (6) um constante processo de mudança social – ou sociocultural – em que o passado está sempre tornando-se futuro, através de um rápido presente” (Freyre, 1968, p. 74).

O modo de conceber o passado é, indubitavelmente, a chave do processo de construção do ideário conservador acerca da mudança em Freyre. Mannheim auxilia enormemente na compreensão desse estilo de pensamento ao afirmar que

“a peculiaridade do modo conservador de enquadrar as coisas em um contexto mais amplo é que ele se aproxima delas por trás, a partir de seu passado. [...] Os conservadores [...] vêem todo o significado de uma coisa no que está por trás dela, ou seu passado temporal ou sua origem evolutiva. [...] A idéia do passado que existe por trás pode ser interpretada de duas maneiras: como um passado temporal ou como uma fase evolutiva antecedente que pode explicar qualquer detalhe particular da realidade presente” (Mannheim, 1986, pp. 121-2).

Através de uma massa de detalhes, de uma determinada época, é que Freyre aviva o tempo passado nas obras *Casa-grande & Senzala* e *Sobrados e Mocambos* em especial. O passado dá o norte para o presente e para o futuro, mas não de modo

2 Observe-se que o & entre *casa-grande* e *senzala* significa que, para Freyre, aquela primeira era “simbioticamente completada pela segunda”. Não há o mesmo símbolo entre *sobrados* e *mocambos* tendo em vista que ele pretende destacar, desde o título, que a relação não era de complementação, mas sim de oposição (Freyre, 1968, p. 120; 1961, p. LVI).

3 Sobre o patriarcalismo em Freyre, ver: Bastos, 1986.

4 A importância da obra *Sobrados e Mocambos* é inquestionável não somente para este tema aqui estudado. Antonio Candido afirma: “Escrita de *Casa-grande & Senzala*, *Nordeste*, *Sobrados e Mocambos*, os grandes livros que naquele tempo empolgaram os moços, formando um maciço que com o passar do tempo seria contestado, mas que dificilmente poderá ser rejeitado, porque, como diz Álvaro Lins, representou uma ‘descoberta do Brasil’” (Candido, 1993, p. 82).

5 “Uma paisagem não é, para ele, apenas uma paisagem, mas um meio, um ambiente, e um traço de costumes não é somente um traço de costumes, mas um ‘documento’ sobre a sociedade e a cultura que elegera para objeto de suas pesquisas” (Azevedo, 1962, p. 196).

6 Gilberto Freyre “desenvolve uma Sociologia genética que se especializa no estudo das origens e do desenvolvimento no tempo social, das instituições, sobretudo dos estilos de vida e de formas de convivência que se tenham tornado características do comportamento de um grupo humano” (Bastos, 1986a, p. 68).

rudimentar, ou seja, forçando aquele primeiro até os dois últimos e, sim, como argumentava Bastide, através de

“acervos de pequenos fatos, por análises minúsculas, quase infinitesimais; vem e revém sobre certos fatos importantes, cada vez com novas luzes [...]. É preciso reconhecer que atinge perfeitamente, desse modo, o fim que se propôs: o de ressuscitar dessas centenas de parágrafos, comprimidos compactos, pesados de detalhes, uma atmosfera, um clima desaparecido, o do velho Brasil” (7) (Bastide apud Azevedo, 1962, p. 196).

É, então, evidente que seu empenho para

“compreender a formação social brasileira passa necessariamente pela busca no povo, das raízes que fundam a cultura e a sociedade nacionais. É este ponto de partida que lhe permite operar uma alteração fundamental na formulação sobre os sujeitos da história: aqueles que aparentemente situam-se ‘fora da história’ são os verdadeiros construtores da civilização brasileira. [...] Embora o patriarca seja a figura que assegura a ordem social no Brasil colônia, seu modo de ver o mundo está permeado por elementos culturais ‘impostos’ pelos personagens supostamente marginais – o escravo, a mulher, o menino [...]. Este passo lhe impõe a necessidade da utilização de um específico método para o exame das relações que se estabelecem entre essas figuras: a análise do cotidiano de suas vidas” (Bastos, 1998, pp. 56-7).

A concepção de mudança social em *Sobrados e Mocambos* assenta-se na recriação detalhada de modos de comunicação entre as classes e as raças que fundam um estilo de vida e um padrão de cultura definidor de um tipo social singular, ou seja, o homem brasileiro.

Através de uma sociologia histórica ou genética que procura compreender a “história de grupos, instituições e pessoas e sendo, quanto possível, história natural, torna-se, de certa altura em diante, peculiar-

mente humana, social, e cultural através não da simples descrição mas também da compreensão [...] dos fenômenos sociais, pessoais e de cultura” (Freyre, 1957, p. 503), Freyre pontua “na formação brasileira (uma) série de desajustamentos profundos ao lado dos ajustamentos e dos equilíbrios” (1961, p. XXVI), advindos deste processo de “amalgamento de raças e culturas” (1961, p. 355).

A capacidade de operar ajustes em situações de antagonismos, muito comum na época dos *Sobrados e Mocambos*, advém, para Freyre, de nossa forma de domínio pautada na família tutelar que enalteceu, ao mesmo tempo, o privatismo no âmbito econômico e político e gerou um tipo social solidarista que tem sido o responsável pela condução das mudanças que vêm ocorrendo no país ao longo de sua história (Rezende, 1996).

O sistema patriarcal que se estendeu da família para a economia até a organização social forneceu à sociedade brasileira uma unidade em torno da qual gira a especificidade de nossas modificações que são, segundo ele, significativas mesmo quando se altera o conteúdo mas não a forma de domínio social. Ele justifica, por exemplo, a prevalência da tutela como algo da essencialidade de nossa formação.

Se a obra *Casa-grande & Senzala* é a base, *Sobrados e Mocambos* forma os pilares principais da concepção de mudança social em Freyre tendo em vista que tanto a idéia de antagonismo aparece no seu interior substancialmente norteadas pela pressuposição de unidade e de equilíbrio, ambos gerados pela família, quanto a idéia de dubiedade no modo de exercer o domínio e a subordinação.

As mudanças dúbias deram, então, a entonação de algo que se cristalizou no nosso modo de organização social: a busca de equilíbrio entre conflitos e interesses no sentido da acomodação e da adaptação, que somente foi possível porque os valores psicossocioculturais vigentes na sociedade brasileira, desde a nossa formação agrário-patriarcal, moveram-se do norte, ou seja, Pernambuco e Bahia, para o centro mineiro

7 São diversas as posições acerca da obra *Casa-grande & Senzala*. Stuart Schwartz afirma que a mesma “capturou uma imagem reveladora de uma ampla gama de atitudes e atividades no seio da esfera rural e doméstica dos senhores de engenho e, embora essa imagem possa ser questionada quanto à sua validade para períodos anteriores ou outras classes sociais, ela se tornou o modo como os brasileiros passaram a conceber seu passado rural” (Schwartz, 1995, p. 237).

e em seguida para o sul com a economia cafeeira.

“Moveram-se, conservando uma constância de características sociais, de forma, ou psicossociais, de processos e função, que explicam, em grande parte, a unidade brasileira no meio de toda a diversidade que a contraria ou a dificulta (8). Dentre tais características é que se salienta, como forma ou estilo de organização social, o sistema patriarcal: o de dominação da família, da economia e da cultura pelo homem às vezes sádico no exercício do poder ou do mando, embora o poder ou o domínio ele o exerça menos como indivíduo [...] do que como expressão ou representante do poderio familiar” (Freyre, 1961, p. LXXXII).

Luís Antônio de Castro Santos argumenta que Gilberto Freyre,

“em que pese sua tentativa infeliz de generalizar para o Sul muitas das conclusões que tirou para o Nordeste, foi, não obstante, capaz de observar que o ‘surto do café representou no Brasil a transição da economia patriarcal para a industrial, com o escravo menos pessoa da família do que simples operário ou máquina de fazer dinheiros’ (Freyre, 1963, p. 131). Se excetuarmos a observação ingênua ou infundada sobre o escravo como ‘pessoa de família’ na sociedade patriarcal, parece fora de dúvida que ele tenha captado, em essência, a distinção que se estabeleceu no país entre as relações raciais mais brandas no Nordeste, sob a autoridade pessoal do senhor do engenho, e o tratamento mais cruel dispensado aos escravos nas plantações de café em São Paulo, sob o acicate da ‘escravidão industrial’, que despersionalizava as relações entre senhor e escravo” (Castro Santos, 1987, p. 29).

A recorrência norteia, segundo Freyre, as mudanças sociais no Brasil. É ilustrativo, segundo ele, o processo de “transferência de poder e de faustos patriarcais, do norte para o sul cafeeiro” (Freyre, 1961, p. LXXXVI). A repetição ganhou visibilidade,

até mesmo, através de migração não só da massa, mas também da elite de uma região para outra, o que era visto como altamente benéfico (9). Ele argumenta, ademais, que alguns homens ilustres que se rebelaram contra o sistema dominante e contra o governo migraram do norte para o sul, o que propiciava a transferência de insatisfações de um lugar para outro. Os mestiços do norte Luiz Gama e Saldanha Marinho foram exemplos disto, ou seja, eles desempenharam importante papel no sul combatendo o sistema patriarcal.

## AS MUDANÇAS SOCIAIS NO BRASIL PATRIARCAL: SÉCULOS XVIII E XIX

A partir da vinda de D. João VI a paisagem social do país sofreu, segundo Freyre, modificações significativas, na medida em que ocorreram alterações econômicas e políticas expressivas tendo em vista o aumento do prestígio do poder real que obrigou os senhores de engenho a uma convivência menos ostensiva com a Coroa. O crescimento das cidades e o aumento da riqueza da burguesia davam aos reis, que se aliavam a esta última, grande ensejo de quebrar o poderio dos grandes proprietários de terras (10).

Segundo Freyre, no século XVIII era interessante uma aliança da Coroa portuguesa “com a plebe das cidades, contra os magnatas rurais; com os mascates contra os nobres; com os mercadores do sobrado do litoral contra os senhores das casas-grandes, com os mulatos, até, contra os brancos de água doce” (Freyre, 1961, p. 16). No entanto, estava sedimentada na nossa organização social uma cultura da grandeza econômica e política dos patriarcas rurais, o que levava à cristalização de uma tentativa, por parte dos novos burgueses, de imitar seus hábitos, costumes e comportamentos tendo em vista uma verdadeira mística do prestígio social daqueles primeiros. Desse modo, as mudanças que ocorreram nos séculos XVII e XVIII integravam

8 A essencialidade do pensamento conservador está em buscar elementos para atestar o caráter imutável da sociedade e, até mesmo, a desnecessidade de mudança. Ver sobre isto Bottomore, 1976. A insistência de Freyre na constante conservação de formas, função e processos sociais é exemplo dessa posição.

9 Décadas depois da realização dessa obra, Gilberto Freyre argumentava que a reabilitação dos “trópicos como espaço susceptível de servir de ambiente a civilizações não apenas modernas, mas pós-modernas” somente poderia ser feita por uma elite. Portanto, era preciso reconhecer “a superioridade de aptidão para a criação e para o saber” de alguns indivíduos que deveriam ser recrutados “dentre indivíduos de todas as raças, e classes, meias-raças e meias-classes” (Freyre, 1975, p. XXXIV).

10 Uma excelente interpretação desse processo foi feita em: Melo, 1995.

e diferenciavam ao mesmo tempo. A diferenciação levava a conflitos e a antagonismos, mas a integração os amenizava nesse processo de urbanização do patriarcalismo (Freyre, 1961, p. 22).

O empenho destes últimos em se elevarem à posição dos grandes fazendeiros só tinha sentido enquanto a nobreza rural mantinha muitos de seus privilégios e de seus elementos decorativos até o início do século XIX. Esse processo levou a uma interpenetração de culturas de maneira tão fortalecida que não foi anulada nem com a falta de prestígio social que abateu os proprietários de terras absolutamente endividados no decorrer do século XIX, nem com as gerações de filhos dos senhores de engenho desertoras da aristocracia em razão de seus modos e gostos de bacharéis urbanizados, os quais se tornaram, argumenta Freyre, os aliados da cidade contra o Engenho, do Estado contra a família (Freyre, 1961, pp. 18-9).

“O drama da desintegração do poder, por algum tempo quase absoluto, do *pater familias* rural, no Brasil, não foi tão simples; nem a ascensão da burguesia tão rápida. Houve senhores que, esmagados pelas hipotecas e pelas dívidas, encontraram amparo no filho ou no genro, deputado, ministro, funcionário público, e não apenas *mercador de sobrado*. O Estado foi afinal o ‘grande asilo das fortunas desbaratadas da escravidão’, como disse Joaquim Nabuco” (Freyre, 1961, p. 19).

Segundo Freyre, a vida social é a produtora da mudança; portanto, não há como pensar qualquer período de transição somente a partir da esfera política. A consolidação na sociedade brasileira de um Estado mais poderoso do que a família tutelar e de uma justiça menos presa aos interesses de alguns indivíduos deu-se a partir de um processo de integração e diferenciação ao mesmo tempo, o que redefine as relações sociais não em termos de antagonismos, mas sim de equilíbrio das duas tendências básicas que passam a coexistir: a coletivista e a individualista.

O traço essencial da modificação da paisagem social ocorrida, no Brasil, durante o século XIX, foi o respeito da virtude principal dos senhores de terras que foram sábios em combinar a integração com a diferenciação. A casa grande de engenho foi o centro daquela primeira e os sobrados o da segunda. Era visível, assim, um processo de interconexão daqueles dois elementos em favor da conciliação e não da superação, pois as mudanças que ocorreram na época dos *Sobrados e Mocambos* herdaram diversas características do modo de organização social e do sistema de domínio anterior (Freyre, 1961, p. 69).

Em passagens como esta fica ainda mais evidenciada a perspectiva conservadora de Freyre acerca da mudança social. Se, como assinala Mannheim,

“o progressista considera o presente como o começo do futuro, [...] o conservador o vê simplesmente como o último ponto alcançado pelo passado. A diferença é tanto mais fundamental e radical na medida em que o conceito linear da história – que está implícito aqui – é algo secundário para os conservadores. Primeiramente, os conservadores conhecem o passado como sendo algo que existe com o presente; conseqüentemente, sua concepção de história tende a ser mais espacial do que temporal; ela enfatiza mais a coexistência do que a sucessão” (Mannheim, 1986, p. 123).

Os elementos de recorrência norteiam a sua reflexão sobre o processo social que torna possível a coexistência entre a conservação e a mudança. O agente fundamental da urbanização do patriarcalismo foi, para Freyre, o bacharel que, a partir do governo de Pedro II, ascendeu não só social, mas também sistematicamente, a cargos políticos, o que não se deu tranquilamente e/ou sem resistência dos patriarcas que eram seus pais e avós. A emergência de um tipo de vida urbana e industrial fundou-se em conhecimentos técnicos sofisticados que os possuidores de curso superior traziam, até, do exterior. Isso fazia com que o Imperador antepusesse esses jovens bacha-



reís aos proprietários de terras. Aqueles primeiros tornavam-se aliados da política imperial, o que funcionou como um combate à truculência individual e ao predomínio da família (Freyre, 1961, p. 82).

“O absolutismo do *pater familias* [...] foi se dissolvendo à medida que outras figuras de homem criaram prestígio na sociedade escravocrática: o médico, por exemplo; o mestre-régio; o diretor de colégio; o presidente da província; o chefe de polícia; o juiz; o correspondente comercial. À medida que outras instituições cresceram em torno da casa-grande, diminuindo-a, desprestigiando-a, opondo-lhe contrapesos à influência [...]” (Freyre, 1961, p. 122).

Safam, então, de dentro do próprio padrão de domínio vigente, os agentes de modernização econômica e política. O semipatriarcalismo que tomava corpo no século XIX era a sobreposição de elementos velhos e novos em todas as esferas da vida social e não só no âmbito da política. Um dos fatores fundantes desse tipo de transição que se estabeleceu foi a combinação de valores patriarcais com um modo de vida burguês (Freyre, 1961, pp. 111-6). A mudança estava, então, ancorada no passado (Mannheim, 1986, p. 126).

Em *Sobrados e Mocambos* a idéia de mudança social, no Brasil, aparece como um processo de dissolução e absorção ao mesmo tempo, na medida em que ela mina e reajusta, segundo Freyre, todas as esferas da vida social.

“A transição do patriarcalismo absoluto para o semipatriarcalismo, ou do patriarcalismo rural para o que se desenvolveu nas cidades, alguém já se lembrou de comparar à transição da monarquia absoluta para a constitucional. A comparação é das melhores e abrange alguns dos aspectos mais característicos do fenômeno jurídico, tanto quanto moral e social, daquela transição” (Freyre, 1961, p. 122).

O patriarcalismo não foi extinto de um só golpe; ele foi, sim, se desintegrando aos

poucos (11). Nesse processo de despedaçamento ele ia, segundo Freyre, deixando suas marcas e suas influências no modo de organização social e política brasileira. O desequilíbrio gerado por esse processo de desagregação do padrão de domínio até então vigente teria sido resolvido se a urbanização desse uma nova intensidade aos antagonismos, tendo em vista que o

“equilíbrio entre brancos de sobrados e pretos, caboclos e pardos livres dos mocambos não seria o mesmo que entre os brancos das velhas casas-grandes e os negros das senzalas. É verdade que, ao mesmo tempo que se acentuavam os antagonismos, tornavam-se maiores as oportunidades de ascensão social, nas cidades, para os escravos e para os filhos de escravos, que fossem indivíduos dotados de aptidão artística ou intelectual extraordinária ou de qualidades especiais de atração sexual. E a miscigenação, tão grande nas cidades como nas fazendas, amaciou, a seu modo, antagonismos entre os extremos” (Freyre, 1961, p. 153).

Todos os aspectos da vida social foram atingidos por esse amaciamento pautado não somente no amalgamento de raças, mas também no talento e/ou no caráter excepcional de alguns indivíduos que conseguiram reordenar, no século XIX, o nosso padrão de domínio a partir de um padrão social e cultural pautado em uma ordem integrativa e democrática em vigência, no país, desde a nossa formação, segundo Freyre.

“A integração do mulato livre (ou negro, em termos mais genéricos) à sociedade escravista brasileira não foi de modo algum – como o próprio Freyre certamente reconheceria – um processo muito difundido, e muito menos, quando ocorria, um processo fácil. É verdade que Freyre desliza frequentemente para pressuposições exageradas sobre a ascensão social de mulatos com ‘sangue aristocrático’, até mesmo nas fazendas e engenhos. (No entanto, quantos teriam sido? Que proporção teria realmente transposto os enormes obstáculos à inte-

11 Uma comparação importante entre Freyre e outros pensadores (Eugene Genovese, Frank Tannenbaum e Marvin Harris) no que tange à origem do patriarcalismo foi feita em: Castro Santos, 1987.

gração à classe dos senhores de terra?) Mas deixou claro que havia uma ampla camada de mulatos livres – concentrados nas maiores cidades – que permaneciam nos níveis mais baixos da estrutura social” (Castro Santos, 1987, p. 25).

A ordem democrática era constituída por indivíduos que, mesmo em posições sociais diferentes, estavam alinhavados por uma cultura permissiva em termos de mudança, de reordenação e de equilíbrio de antagonismos. No capítulo VI de *Sobrados e Mocambos* Freyre observa que os senhores de engenho, o clero, os empregados públicos formavam uma verdadeira ordem democrática. Aqueles primeiros, nessa época de transição já completamente instáveis e endividados, “estavam mais predispostos à inquietação, à revolta, à desordem” (Freyre, 1961, p. 265). No entanto, formava-se, nesse período, um verdadeiro corpo aristocrático no país: os comerciantes.

Os comerciantes bem-sucedidos eram absolutamente conformados com a ordem e exigiam do Estado proteção para os seus negócios. A economia patriarcal estava se desestruturando, mas, afirma Freyre, o modo de vida social e político continuava a se desenvolver de forma patriarcal. “O patriarcalismo, o familismo, o personalismo característico do alto comércio do Rio de Janeiro – na verdade, das grandes cidades do Império tanto quanto das pequenas – em meados do século XIX” eram surpreendentes (Freyre, 1961, p. 277).

Com o desenvolvimento do comércio ocorria, assim, um nítido entrelaçamento de valores patriarcais e estrangeiros, o que é tido por Freyre como um dado essencial das modificações sociais que ganharam corpo no século XIX. A reeuropeização do país levou a um amplo processo de assimilação e imitação em termos de atitudes e comportamentos, vindo, portanto, a alterar a paisagem social brasileira. Segundo Freyre, isto fez fluir uma mudança que implicou a artificialização da vida em termos objetivos (econômicos, principalmente) e subjetivos (valores morais e culturais de maneira geral). “O brasileiro, mal saído

das sombras do sistema patriarcal e da indústria caseira, deixou-se estontear de maneira mais completa pelos brilhos, às vezes falsos, da Europa” (Freyre, 1961, p. 339).

No bojo desse processo, criticado em muitos aspectos por Freyre, ocorreram abalos de pontos essenciais de nossa cultura por uma ética do imperialismo e do expansionismo comercial, mas houve concomitantemente algo sumamente positivo no que concerne à valorização do descendente negro que fosse portador de conhecimentos técnicos e periciais, o que o elevou a melhores posições na estrutura social.

Evidentemente que, ao eleger tais dados particulares como indicação de positividade, na medida em que ele não esclarecia quantos indivíduos descendentes de escravos eram de fato atingidos por esse processo descrito acima, o pensamento de Freyre se enquadra nas pressuposições conservadoras definidas por Mannheim em termos de enquadramento de casos particulares a uma realidade social mais ampla sem alargar horizontes. Ou seja, “ele está preocupado com a ação imediata, com detalhes concretos em mudança e, portanto, não se preocupa realmente com a estrutura do mundo [...]. O reformismo conservador consiste na substituição de fatores individuais por outros fatores individuais (‘melhoramentos’)” (Mannheim, 1986, p. 112).

## INTEGRAÇÃO E DESINTEGRAÇÃO NO PROCESSO DE MUDANÇA SOCIAL

No capítulo XVIII de *Sobrados e Mocambos* encontram-se delineados alguns elementos centrais para a compreensão do pensamento de Freyre acerca da sociedade brasileira e de seus processos de modificações e de ajustamentos. O ponto de partida básico, para o autor, é dado pelo fato de que, na sociedade patriarcal, não havia cidadãos ou súditos como elementos básicos



decisivos, mas sim famílias e classes. Da interação e do antagonismo surgidos a partir desses dois agrupamentos é que floresceu a estrutura social brasileira.

As raças separavam as classes e as famílias. Nestas últimas o prestígio variava, segundo Freyre, muito mais em decorrência do poder econômico do que da origem social ou étnica (Freyre, 1961, p. 353). Ele considera que os escravos formavam uma classe social no extremo inferior da estrutura social. O senhor de engenho se encontrava no topo da sociedade.

O dado essencial, já abundantemente trabalhado em *Casa-grande & Senzala*, é que Freyre enfatiza os elementos de integração que ocorreram nessas condições de distanciamentos sociais extremos. O mestiçamento seria o dado central de aproximação entre dominados e dominantes a partir de um amalgamento de raças e culturas. A inexistência de fixidez jogou, para ele, papel fundamental nesse processo.

“Até [...] o que havia de mais renitentemente aristocrático na organização patriarcal de família, de economia e de cultura foi atingido pelo que sempre houve de contagiosamente democrático ou democratizante e até anarquizante, no amalgamento de raças e culturas e, até certo ponto, de tipos regionais, dando uma espécie de despedaçamento das formas mais duras, ou menos plásticas, por excesso de trepidação ou inquietação de conteúdos” (Freyre, 1961, p. 355).

As gradações lentamente construídas e modificadas em termos do patriarcalismo rural e semi-rural, urbano e semi-urbano eram provas, segundo Freyre, de que as mudanças ocorriam através da preservação e da alteração de formas de organização particulares de família, de economia e de cultura. A mobilidade aqui existente resultava da

“interpenetração das condições de raça e classe que desde os começos da colonização do Brasil vêm se verificando em nosso país e resultando em constantes transferências de indivíduos de cor, da classe a que

pareciam condenados pela condição da raça materna e, até certo ponto, deles – a condição de dominados – menos para a condição de dominadores que para a de marginais ou intermediários entre dominadores e dominados” (Freyre, 1961, p. 356).

No seu entender as condições de mudanças eram dadas por essa mobilidade que permitia o deslocamento de pessoas, famílias e grupos inteiros, de um plano social para outro, o que levou a um processo de transferência de valores e sentimentos que amainavam diferenças de classe, não necessariamente de *status*. No entanto, se a primeira é decisiva na organização da economia e da cultura, o é também, para ele, na definição deste último. Isso

“não significa que na caracterização de indivíduo ou grupo brasileiro por *status*, consideremos preponderantemente, ou invariavelmente decisiva, sua situação regional de cultura e de poder político correspondente a essa cultura regionalmente configurada. Decisiva nos parece antes sua situação sociocultural – principalmente econômica – de classe que, por muito tempo, no Brasil, foi a de escravo oposta à do senhor ao mesmo tempo que simbiótica à do mesmo senhor dentro da constelação familiar ou patriarcal constituída pelo patriarca e pela mulher, pelos filhos, pelos descendentes, pelos parentes pobres, pelos agregados e pelos escravos – em geral pessoas de casa ou da família do mesmo patriarca” (Freyre, 1961, pp. 370-1).

Há pontos reveladores de certa influência da teoria das classes de Max Weber (1971). Demonstrar que a organização social brasileira vigente na época dos *Sobrados e Mocambos* não se encerrava em duas classes distintas e extremas, mesmo sendo a classe dos senhores e a dos escravos as duas principais, é um ponto de proximidade visível entre aquele último e Freyre, o qual afirmava que existiam, no Brasil, algumas classes intermediárias que eram formadas por vários subgrupos possuidores de uma situação de classe específica,

como os mecânicos que eram todos aqueles que sabiam algum tipo de ofício que incluía desde a habilidade em caligrafia até conhecimentos dos mecanismos burocráticos. Ocorria, para Freyre, um processo de integração entre estes últimos grupos e os mestiços que se destacaram nas artes de ofício.

Há, ainda, um outro dado de proximidade essencial: o fato de que para Weber a classe não é somente expressão da organização social capitalista moderna. Ou seja, para ele, em qualquer momento da história, na sociedade antiga, por exemplo, podem-se encontrar tanto as classes quanto o desenvolvimento de suas lutas. Freyre insistia que o Brasil colônia já possuía uma estruturação social fundada na organização de classe, o que independia de o país ser ou não urbano-industrial.

Há dentro dessa própria proximidade pontos de afastamento total, como, por exemplo, o fato de Freyre considerar os escravos como uma classe, enquanto Weber alertava que “aqueles cujo destino não é determinado pela oportunidade de usar, em proveito próprio, bens e serviços no mercado, isto é, os escravos, não são porém uma ‘classe’, no sentido técnico da expressão. São, antes, um ‘estamento’” (Weber, 1971, p. 214).

O que cria a classe, para Weber, “é um interesse econômico claro”. Isso impede a definição dos escravos como uma classe, mas possibilita que Freyre (12) enquadre os senhores de engenho como tal, pois a teoria weberiana considera que pertenciam à classe dos proprietários aqueles que possuíam minas, gado, homens (escravos), edifícios, terras, etc. (Weber, 1971, p. 213).

Analisar as influências de Weber sobre Freyre é, por certo, uma tarefa árdua que demanda um artigo específico. Preliminarmente, pode-se afirmar que este último estabelece com aquele primeiro alguns pontos, ora mais, ora menos nítidos, de contato. Dentre os mais visíveis está o esforço de utilização do tipo ideal como um instrumento de análise. Em *Como e por que Sou e Não Sou Sociólogo*, Freyre assinala:

“os símbolos ‘Casa-grande & Senzala’,

‘Sobrados e Mocambos’, ‘Ordem e Progresso’ e a utilização sociológica, isto é, como ‘tipo ideal’ do ‘triângulo rural’, [...] são símbolos que cabem, todos eles, dentro daquele triângulo, também ele simbólico e também ele expressão de um ‘tipo ideal’ de caracterização arbitrariamente geométrica – digamos assim – da realidade social difusa. Isto um tanto de acordo com as sugestões de Max Weber, a quem se deve a concepção de ‘tipo ideal’ em sociologia” (Freyre, 1968, p. 146).

Observe-se que Freyre procurava destacar que havia, geralmente, proximidade e não uma utilização fechada dos pressupostos weberianos. Ele argumentava que não podia admitir influência senão indireta daquele pensador alemão quanto a sua

“concepção da história da formação brasileira como exemplo de desenvolvimento num tempo antes social do que cronológico, e num espaço antes ecológico do que convencionalmente geográfico, de um sistema patriarcal de convivência, de modo a poder ser essa concepção estendida ou aplicada, sociologicamente, isto é, como estudo principalmente de formas e processos sociais, a outras formações modernas” (Freyre, 1968, p. 146).

A utilização do tipo ideal oferecia ao analista ou ao intérprete, segundo ele, um modo de romper com explicações simplistas sobre a realidade social brasileira, por exemplo. Por isso ele procura

“ver essa realidade através de outras pessoas ou de outras personalidades reais ou um tanto sob a forma weberiana de ‘tipos ideais’, com os quais procura identificar-se para, assim identificado, por empatia, perceber-se de aspectos da mesma realidade dos quais não se aperceberia, fechado na sua exclusiva ou única personalidade; ou no seu sexo; ou na sua raça; ou na sua cultura; ou na sua classe” (Freyre, 1968, p. 116).

Tanto em *Casa-grande & Senzala* quanto em *Sobrados e Mocambos* Freyre desta-

12 Sobre a influência de Weber e de Simmel sobre Gilberto Freyre, ver: Bastos, 1986a. Em *Sociologia: Introdução ao Estudo dos seus Princípios*, é verificável uma certa influência de Weber sobre Freyre. Este último esclarece que a sociologia deveria aceitar “sob a designação de social e cultural [...] processos e produtos, quanto for manifestação de interação não só entre os homens e os grupos, como, dentro dos homens e dos grupos, entre as chamadas forças espirituais e os elementos ou condições materiais de socialidade e de cultura. Manifestações que se deixem estilizar em formas e processos sociais e em coisas culturais, sem que essa estilização importe sua materialização para efeitos de objetividade sociológica igual a que se conhece na Química, na Física e na Biologia. Ao contrário: em certo sentido, essa estilização corresponde à idealização em tipos das combinações de coisas com idéias que são os fenômenos socioculturais. Dessa idealização, seriam exemplos extremos os ‘tipos ideais’” (Freyre, 1962, pp. 624-5).

ca que há, porém, uma completa impossibilidade de entendimento da sociedade brasileira somente em termos de classes. Para ele, é fundamental entender as condições de interpenetração de grupos, raças, classes e culturas. E isso é concebido de um modo muito complexo, principalmente, no que diz respeito a sua concepção de classes sociais.

Freyre empenha-se em demonstrar que sua compreensão da sociedade brasileira em termos de classes não é descabida apesar de diferente da análise de um marxista como Astrogildo Pereira (13). Com este afirma ter tido “laços tão profundos que, anos depois, ele fez um dos melhores estudos a respeito” da sua obra (Freyre, 1985, p. 85).

O entendimento da sociedade brasileira em termos de classes e lutas revela um debate no âmbito da sociologia brasileira em formação. Posicionando-se contra Oliveira Vianna, que nega, em *Populações Meridionais do Brasil*, a existência de ações políticas conscientes por parte de qualquer grupo, bem como a vigência de um processo social que pode ser definido em termos de lutas de classes, Freyre busca apoiar-se em Astrogildo Pereira. Em uma nota no prefácio da primeira edição de *Casa-grande & Senzala*, Freyre afirma que este último fez uma reflexão sobre a sociedade brasileira que dá sustentação as suas argumentações quanto à existência de classes sociais no país desde a sua formação.

“Refutando a teoria de Oliveira Vianna – a inexistência da luta de classes na formação social do Brasil – lembra Astrogildo Pereira as guerras, os conflitos dos ‘senhores’ com os indígenas e com os negros fugidos (quilombolas) e da própria burguesia nascente com a aristocracia rural já estratificada. Também os conflitos dos representantes da Coroa, quando fortalecidos pela descoberta das minas, com os caudilhos rurais. Estes, embora atravessando crises e sofrendo depressões de poderio, foram a força preponderante” (Freyre, 1994, pp. XLIX-L).

As argumentações de Freyre sobre a não-passividade dos negros no processo de

nossa formação social bem como nas mudanças sociais que ocorreram no país ancoram-se também nas teses de Astrogildo Pereira segundo as quais “houve entre nós autêntica luta de classes que encheu séculos de nossa história e teve o seu episódio culminante de heroísmo e grandeza na organização da República dos Palmares, tendo à sua frente a figura épica de Zumbi, o nosso Spartacus negro” (Pereira in Freyre, 1994, p. 272).

As condições de classe, de região e de cultura interpenetram-se, então, para Freyre, no processo de florescimento das mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo de nossa história.

“Para qualquer caracterização sociológica de *status* do brasileiro dentro de uma sociedade regulada principalmente pela tutela de família ou de patriarca, como foi a nossa até quase nossos dias, devemos sempre nos informar, além de sua posição na constelação familiar, de sua condição de região, ao lado da raça e da classe. Só assim se esclarecerá a posição de um Andrada, de um Santos, por exemplo, numa sociedade como a paulista, e em face de paulistas de Itu, da formação de Diogo Antônio Feijó. Ambos paulistas mas de regiões diferentes e social e culturalmente antagônicas” (Freyre, 1961, p. 370).

Argumentações como essas somente podem ser entendidas no âmbito da sociologia regional que Gilberto Freyre desenvolve ao “reunir, para a análise de cada região, eco-sociocultural, um conjunto de métodos gerais: o geográfico, o antropológico, o histórico, o econômico, o político, o sociológico. A análise que se empreende é complexa: da totalidade regional” (Freyre, 1957, pp. 439-40).

O empreendimento nestes termos deve ser entendido a partir da polêmica travada nas décadas de 1910 e 1920 sobre “região *versus* nação; tradição *versus* futuro” que eram “temas que esta(vam) em pauta no debate para acordar o Brasil, criar a nação” (14). Freyre, no entanto, mostra que as análises e/ou as proposições políticas não

13 Astrogildo Pereira em *Sociologia ou Apologética*, escrito em 1929, polemizava com a obra *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, a respeito do papel das lutas de classes na formação histórico-social brasileira (Pereira, 1979, pp. 172-3).

14 As revistas *Klaxon*, *Estética*, *Terra Roxa e Outras Terras*, *Festa*, *Revista de Antropologia*, *Arco e Flecha*, etc. eram expressões, nos anos 20, do debate acerca de região *versus* nação; de tradição *versus* futuro (Oliveira, 1997, pp. 192).

devem ser postas nestes termos. Ou seja, para ele, a região não se opõe à nação de modo inconciliável e muito menos a tradição se opõe ao futuro no processo de mudança social. Em diversas obras e mais especificamente em seu *Manifesto Regionalista, Tradicionalista e a seu Modo Modernista do Recife* (Freyre, 1976) esta tese é amplamente discutida.

O problema político está, assinala ele, no fato de que as

“regiões vêm sendo esquecidas pelos estadistas e legisladores brasileiros, uns preocupados com os ‘direitos dos Estados’, outros, com as ‘necessidades de união nacional’, quando a preocupação máxima de todos deveria ser a articulação inter-regional. Pois de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuaram regiões sociais e culturais” (Freyre, 1957, p. 440).

A problemática da mudança social enlaça, desse modo, três questões: as de classe, as de raça e as de região. Tem sido decisivo que as condições de prestígio se assentem inteiramente na situação de classe e na “própria condição de região” e não no fator raça ou cor. A mobilidade existente, segundo ele, na sociedade brasileira deve-se basicamente a este fator. A fixidez baseada na cor leva a uma estagnação dos indivíduos em determinadas posições sociais, pois se é preto é preto, não há como mudar isso.

Freyre pensa a organização social em termos de classe, mas numa estruturação não rígida que possibilita uma mobilidade tendo em vista habilidades e talentos. Por isso, a distinção de classe é menos nociva que a distinção de cor (Freyre, 1947). Em seu entendimento este caráter da sociedade brasileira tem sido o responsável pelas mudanças principais que vêm ocorrendo no país entre os séculos XVIII e XX. Isto se deve ao fato, segundo ele, de a aristocracia, dada a sua permissividade, não ter “impossibilitado que se juntasse a ela indivíduos talentosos de outras classes sociais” (Freyre, 1961, pp. 376-7).

A partir de nossa formação ele vai dando vida e recriando figuras distintas e antagônicas que conseguiam equilibrar os conflitos sociais a partir de uma não-predominância absoluta das condições de região, classe e cor. No entanto, as mudanças de hábitos e costumes, no processo de desintegração do patriarcalismo, traziam à tona as diferenças não somente sociais, mas também regionais e étnicas; ocorria, assim, através dos agentes portadores de condições de modificações, uma reelaboração, a partir do que já existia, de um dado sistema moral em vigor.

Freyre considera o século XIX como norteador, por excelência, da mudança, e isso era dado não somente através dos conflitos políticos e econômicos que eram mais visíveis. Existiam elementos não-palpáveis que operavam no âmbito dos valores que se debatiam para se estabelecer. Ele cita, como exemplo, a opressão dos valores rurais pelos urbanos. A luta, em última instância, dava-se no sentido da supressão da cultura patriarcal pela cultura brasileira que começava a emergir. Evidentemente, a supremacia desta última deu-se integrando em seu bojo elementos fundantes daquela primeira.

As mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais ocorreram no seguinte sentido: patriarcalismo rural – patriarcalismo urbano – semipatriarcalismo. Não houve, segundo Freyre, rompimentos e/ou eliminação, mas sim um misto de combinações que integravam e desintegravam, ao mesmo tempo, a conciliação e a opressão, o equilíbrio e o desequilíbrio; o que levou, em um primeiro momento, nas diversas esferas da vida social, à desestabilização e/ou à inferiorização de hábitos e costumes que já eram considerados próprios de raça, classe e região.

No entanto, o dado essencial desse processo de modificação foi o amplo ajustamento e/ou acomodação que transformou os hábitos de raça, classe e região em nacionais ou universalmente brasileiros (Freyre, 1961, p. 394). Os efeitos sociais de um sistema contraditório, no caso o patriarcal, foram para Freyre positivos na medida em que permitiram uma confusão de caracte-

rísticas de raça e de classe que levou a uma democratização de valores. No entanto, para ele, isso ocorreu não por uma deliberação opcional das famílias dominantes, mas sim pelo modo com que as relações sociais se estabeleceram. “Muitas vezes concedeu-se a afilhados, crias, filhos naturais, o direito de tomarem de seus pais, padrinhos ou senhores brancos, nomes europeus e fidalgos de família: outra forma de confusão de plebeus com fidalgos, através da qual vem se democratizando a sociedade brasileira em virtude do próprio sistema patriarcal” (Freyre, 1961, p. 399).

A sede dos setores dominantes para demonstrar a sua superioridade racial, cultural e social passava por atitudes e comportamentos, os quais foram internalizados por todos os brasileiros, que possibilitaram que a cultura brasileira se desenvolvesse, afirma Freyre, como uma mescla de valores independentes da raça e/ou da classe. As mudanças sociais tiveram, indubitavelmente, seus pés fincados nesse processo.

## O MULATO E O BACHAREL: AGENTES, POR EXCELÊNCIA, DE MUDANÇA SOCIAL

O capítulo X de *Sobrados e Mocambos*, intitulado “Escravo, Animal e Máquina”, estrutura argumentos embaixadores da posição de Gilberto Freyre de que o mulato constituiu uma força transformadora fundamental na sociedade brasileira. O ponto de partida da análise empreendida por Freyre, acerca dessa questão, é um tanto inovador, pois pressupõe motivos não somente econômicos, mas também morais, no processo de valorização do mestiço.

Para ele, a própria extinção da escravidão possuía motivações que iam além de puros interesses materiais. O progresso técnico que possibilitou que a máquina libertasse o negro da condição de escravo teria sido empreendido por razões morais e/ou até sentimentais.

“O que aqui se sustenta, porém, é que os ingleses concorreram por meio de aperfeiçoamento da técnica de produção e de transporte animal – aperfeiçoamentos tanto de ordem técnica como de ordem moral – e, principalmente, por meio de nova técnica de produção e de transporte – a mecânica, o vapor – para dificultar a sobrevivência da escravidão entre os homens” (Freyre, 1961, p. 491).

A inquietação moral teria sido um dos fatores fundantes de todo processo de mudança social no Brasil. A “trepidação sentimental” no seio da classe dos senhores, no início do século XIX, conduziu-os a atitudes e medidas que redefiniam, mesmo que em parte, a situação dos cativos. As dispensas de mães-pretas, mucamas e malungos estavam fundadas em um sistema de proteção baseado no protecionismo construído na esfera da vida privada.

Havia, então, uma situação dúbia que marcou tanto a formação brasileira quanto as mudanças no país, na medida em que os senhores alimentavam sentimentos de proteção para com os escravos da casa, e de crueldade para com os demais. Mesmo nessas condições teria sido fator decisivo na definição da organização social brasileira a relação de proximidade que amaiounou a aspereza e/ou adocicou a relação do senhor com o escravo. Isso teria gerado possibilidades para os mestiços romperem com uma dada condição de não-mobilidade pela proximidade e/ou pela proteção.

É sempre pelo caráter permissivo das relações sociais que o mulato ter-se-ia constituído em agente fundamental de mudança, no âmbito não somente da ordem política quanto da econômica. No início do século XIX, afirma Freyre, havia negros e mulatos livres que se tornaram auxiliares de técnicos e de mecânicos estrangeiros. O papel que eles desempenharam foi fundamental economicamente e serviu, também, para amortizar os conflitos, pois esta era uma camada sedenta de ascensão social. A oportunidade de se elevarem socialmente foi essencial no processo de definição da natureza das mudanças que permitiram a

valorização do negro e do mulato livres (Freyre, 1961, p. 529).

O desenvolvimento da máquina, no Brasil, foi fator básico de transformações da sociedade na medida em que fez nascer uma camada de população altamente valorizada, gerando assim “um novo tipo de homem” que possuía uma riqueza específica: o conhecimento técnico. Isso vinha diminuir, argumenta Freyre, “a importância tanto do escravo como do senhor. Tanto do proprietário branco como do servo preto” (Freyre, 1961, p. 534).

A mudança, no século XIX, teria resultado, por um lado, de uma consequência de ordem social: a mobilidade de indivíduos que trabalhavam com mecânica e técnicas de modo geral e uma outra de ordem econômica, marcada pelo desenvolvimento que os estrangeiros traziam de fora.

“É do maior interesse para a compreensão do período de transição que foi, nas principais áreas do nosso país, a primeira metade do século XIX, destacar-se que várias das modificações que sofreram então paisagens e instituições ligam-se direta ou indiretamente à cessação do tráfico legal de escravos, cujo volume o clandestino nem sempre conseguiu suprir; nem pôde manter. Os capitais foram tomando, assim, outros rumos. Deixando de concentrar-se no comércio de escravos, tornaram-se disponíveis para os melhoramentos mecânicos, para a compra de máquinas ou simplesmente de cavalos e de vacas de leite, superiores ou de raça, para a construção de sobrados de luxo” (Freyre, 1961, p. 549).

Gilberto Freyre não supunha que esse processo tivesse ocorrido de forma tranquila. Ou seja, a transferência de investimento de capitais, até então concentrados em escravos, para maquinários, por exemplo, “não se deu docemente mas através de crises profundas” (Freyre, 1961, p. 549) que abalaram a sociedade como um todo.

O dado central para compreender a concepção de mudança construída, por Freyre, está no fato de que, para ele, nesse processo de transição ocorrido durante o século XIX,

emergem duas forças novas, as quais poderiam estar reunidas até mesmo em uma só: o bacharel e o mulato.

“Desde os últimos tempos coloniais que o bacharel e o mulato vinham se constituindo em elementos de diferenciação, dentro de uma sociedade rural e patriarcal que procurava integrar-se pelo equilíbrio, e mais do que isso, [...] pela acomodação entre os dois grandes antagonismos: o senhor e o escravo. A casa-grande, completada pela senzala, representou, entre nós, verdadeira maravilha de acomodação que o antagonismo entre o sobrado e o mucambo veio quebrar e perturbar” (Freyre, 1961, p. 573).

Os novos valores fundados no saber vindo da Europa são desenvolvidos e tornam-se insígnias de mando da aristocracia dos sobrados. A nobreza dos doutores passa a desempenhar papel central no meio político e no social do Segundo Império (15). Tanto que esse período ficou conhecido como o reinado dos bacharéis, afirma Freyre (16). O traço de acomodação era visível no fato de que os bacharéis podiam tanto ser filhos dos senhores de engenho quanto de comerciantes. Ocorria, assim, um processo de equalização social promovido pela educação.

Um fator básico de mudança, no século XIX, foi, então, o aparecimento de uma aristocracia de toga e de beca que se diferenciava da aristocracia rural e comercial nos métodos de pensar a política e a justiça. Segundo Freyre, a forma que o bacharel encontrava para se reconciliar com o seu país, depois de anos passados na Europa, era através da busca da reforma política e social (Freyre, 1961, p. 578). Esta última passava, no final do século XVIII, pela independência, por exemplo. Vide o caso da Inconfidência Mineira.

E não se pode pensar, afirma Freyre, que a luta revolucionária em torno da independência era somente de cunho idealista. Ela expressava um embate entre interesses diversos, tais como: os dos produtores de açúcar, os dos mineradores, etc. Os bacharéis mulatos, que eram quase que uma clas-

15 Bacharéis como Gregório de Mattos, Botelho de Oliveira, Tomaz A. Gonzaga, Cláudio Alvarenga, etc. já estavam presentes no meio social e político brasileiro mesmo antes do reinado de D. Pedro II, argumentava Freyre.

16 Freyre afirmava que D. Pedro II confiava muito mais no bacharel que administrava juridicamente as províncias do que naqueles que viviam a distribuir carne e farinha (Freyre, 1961, p. 575).



se média, lutavam por motivação ideológica, fundamentalmente, em busca de ajustamento social.

“Sentiriam estes bacharéis, doutores ou semidoutores de cor, como ninguém, a necessidade de melhor ajustamento social que viesse dar aos intelectuais, aos homens formados, a essa espécie de aristocracia nova e mais indiferente que as outras à pureza de sangue, maior responsabilidade na direção política do país. Bem característico da dualidade ou do antagonismo de interesses que separava, pelo menos em dois grupos, os homens de 1817, é o choque entre a opinião do ouvidor Andrada, encarnando preconceitos de branquidade, e as idéias de extrema democracia social do Dr. Manuel de Arruda Câmara [...] [para quem] a revolução que separasse o Brasil de Portugal não devia ser simplesmente política, mas [de] reconstrução inteira da sociedade. E nessa reconstrução devia ser incluído o melhor ajustamento de relações entre senhores e oprimidos. Entre brancos e homens de cor” (Freyre, 1961, p. 580).

A busca do equilíbrio de antagonismos era a essência da proposição dessa reforma política e social. Gilberto Freyre considera isso um dado absolutamente positivo e resultante do fato de que esses próprios bacharéis eram representantes genuínos da possibilidade de quebra das distâncias sociais; os doutores mestiços eram exemplos vivos disso. O dado básico é que as condições que fizeram brotar as mudanças foram produzidas pelo caráter das relações estabelecidas na sociedade brasileira desde a nossa formação.

A associação entre os bacharéis e a aristocracia rural não faz Freyre questionar o sentido da mudança que poderia advir dessa união, mas, pelo contrário, leva-o a defender a conciliação como um dado positivo do processo político brasileiro. Mesmo nestas circunstâncias teriam ocorrido modificações, tendo em vista que houve transferência de poder ou de uma parte, ao menos.

As transformações eram, para ele, visíveis através de dois processos: associação

ou enfrentamento. O exemplo do primeiro está mencionado no parágrafo anterior e o do segundo seriam os casos da ascensão dos bacharéis que tentavam se impor de modo mais violento, o que levava, indubitavelmente, a embates com a aristocracia rural e com a dos sobrados. Os radicalismos nos discursos, no entanto, quase nunca eram levados a termo nos atos.

O traço mais revelador da exposição de Freyre está no fato de que, para ele, todas as mudanças que ocorreram nesse período, por enfrentamento ou associação, estavam marcadas pela acomodação. “Mesmo alguns dos bacharéis mais evidentemente mulatos e plebeus, como Nilo Peçanha, representaram a acomodação entre os dois regimes” (Freyre, 1961, p. 585).

Observe-se que a defesa que Gilberto Freyre faz do bacharel como agente, por excelência, de mudança expressa uma posição contrária àquela desenvolvida no final do século XIX e início do século XX em que

“o bacharel era o alvo dos ataques. ‘Homens forçados a parecerem inteligentes’, como dizia Lima Barreto. Especialista em normas e regras, o bacharel transmutado em burocrata emperra as decisões; especialista em generalidades, é pouco ligado ao país real e se torna o braço legal do Brasil atrasado. Diante desta figura emblemática todos se juntam. Para criar a nação faz-se mister conhecer os problemas do Brasil. Alberto Torres, Olavo Bilac, Monteiro Lobato são alguns dos intelectuais emblemáticos que desde os anos 10 [...] denunciavam o Brasil arcaico, atrasado, comandado por uma política incompetente” (Oliveira, 1997, p. 189).

## COMENTÁRIOS FINAIS

A obra *Sobrados e Mocambos* reconstrói todo o processo de formação e decadência do patriarcalismo no Brasil. O declínio desse padrão de organização e de domínio revela que coexistiram a dissolu-

ção e a acomodação, a quebra e a conservação de instituições, de valores, de distâncias sociais, de símbolos, etc. Esse modo de transição que transforma, mas preserva ao mesmo tempo, define, segundo Freyre, positivamente a paisagem social brasileira.

Ao retratar as transições como um processo de reordenação pautado na conservação dos elementos fixadores do *ethos* brasileiro constituído no âmbito de uma sociabilidade patriarcal de família, de cultura e de economia, ele constrói os pilares de um ideário conservador sobre mudança social, a qual é enaltecida, por Freyre, por não conduzir a sociedade a rompimentos substanciais. A sobrevivência de valores patriarcais através dos agentes (o bacharel e o mulato, por exemplo) que apressaram o enfraquecimento daquele sistema propicia a reafirmação de constantes psicossociais de interesses antigos e novos.

A singularidade das modificações sociais que ocorreram no Brasil estava na impossibilidade de uma ruptura total com o passado, o que é, para Freyre, uma garantia de que as alterações não vão conduzir a sociedade brasileira a radicalismos de qualquer espécie. A exaltação do caráter benéfico do controle das mudanças em vista dos elementos culturais cristalizados em uma sociabilidade patriarcal torna-se o fundamento de sua perspectiva conservadora.

As mudanças sociais não são às vezes percebidas em suas exterioridades em vista do modo de interpenetração de ordens sociais que estão em processo de modificação. Para Freyre, o que caracteriza a sociedade brasileira é exatamente a suavidade com que as alterações vão ocorrendo em um eterno enlaçamento de valores, pessoas e instituições. A não-superação é mostrada positivamente como o norte de todo o processo de transição instalado no país.

Freyre embasa o florescimento de um ideário conservador na medida em que, para ele, a mudança social somente é possível se estiver presa ao passado, à tradição. O não-enfrentamento – através do amaciamento do conflito e do equilíbrio das diferenças e dos antagonismos no âmbito dos valores ordenadores da identidade cultural brasi-

leira – fixa o eixo interpretativo das transições na constante associação e conciliação das forças sociais que, constantemente, acomodam-se e transigem.

“Mesmo, porém, a essa fase de maior diferenciação social entre *Sobrados e Mocambos*, corresponde a maior desintegração do sistema patriarcal entre nós, não têm faltado elementos ou meios de intercomunicação entre os extremos sociais ou de cultura. De modo que os antagonismos que não foram nunca absolutos não se tornaram absolutos depois daquela desintegração. E um dos elementos mais poderosos de intercomunicação, pelo seu dinamismo de raça e, principalmente, de cultura, tem sido, nessa fase difícil, o mulato” (Freyre, 1961, p. 659).

Fernando de Azevedo assinala que Freyre volta-se “sempre para o passado com uma espécie de nostalgia, e tem nessa atmosfera de coisas antigas, a sua principal fonte de inspiração. Não é possível certamente voltar as costas ao passado – pois há uma continuidade entre o passado e o presente; – mas, se ‘em grande parte, com a tradição que aprendemos, não é com ela que criamos’” (Azevedo, 1962, p. 194).

Mannheim afirma que, para o “pensamento progressista, o significado das coisas deriva em última análise de algo acima ou além delas mesmas, de uma utopia futura ou de sua relação com uma forma transcendente” (Mannheim, 1981, p. 121). O ideário conservador, no entanto, funda-se na busca de mecanismos de controle da mudança. Para Freyre, a formação psicossociocultural brasileira exerce este papel ponderador no interior da vida social neutralizando as radicalizações.

O livro *Ordem e Progresso*, que, segundo Freyre, é uma espécie de continuação de *Sobrados e Mocambos*, oferece as melhores pistas para esclarecimento de seu estilo de pensamento centrado na extração de significados positivos da filiação da República à Monarquia. Mannheim assinala que

“enquanto o progressista utiliza o futuro para interpretar as coisas, o conservador

utiliza o passado; o progressista pensa em termos de modelos, o conservador pensa em termos de origens. [...] Em poucas palavras, [...] o progressista considera o presente como o começo do futuro, enquanto o conservador o vê simplesmente como o último ponto alcançado pelo passado. A diferença é tanto mais fundamental e radical na medida em que o conceito linear da

história – que está implícito aqui – é algo secundário para os conservadores. Primeiramente, os conservadores conhecem o passado como sendo algo que existe com o presente; conseqüentemente, sua concepção de história tende a ser mais espacial do que temporal; ela enfatiza mais a coexistência do que a sucessão” (Mannheim, 1986, pp. 121-3).

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel C. de. “Gilberto Freyre e o Impacto dos Anos 30”, in *Revista USP*, n. 38, São Paulo, CCS-USP, jun.-ago./1998, pp. 39-47.
- AZEVEDO, F. de. “Gilberto Freyre e a Cultura Brasileira”, in *Máscaras e Retratos*. São Paulo, Melhoramentos, 1962.
- BASTOS, E. R. “O Patriarcalismo: Família e Sociedade”, in *Gilberto Freyre e a Formação da Sociedade Brasileira*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, 1986, pp. 124-73 (mimeo.).
- \_\_\_\_\_. “Gilberto Freyre e a Questão Nacional”, in R. Moraes; R. Antunes; V. L. B. Ferrante. *Inteligência Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1986a, p. 68.
- \_\_\_\_\_. “Iberismo na Obra de Gilberto Freyre”, in *Revista USP*, n. 38, São Paulo, CCS-USP, jun.-ago./1998, pp. 49-57.
- BOTTOMORE, T. B. “Conservadorismo e Radicalismo na Sociologia e o Homem Conservador”, in *A Sociologia como Crítica Social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976. pp. 9-30
- CANDIDO, A. “Aquele Gilberto”, in *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- CASTRO SANTOS, L. A. “E Pernambuco Falou ao Mundo”, in *Novos Estudos Cebrap*, n. 18, São Paulo, set./1987, pp. 22-32.
- \_\_\_\_\_. “A Casa-Grande e o Sobrado na Obra de Gilberto Freyre”, in *Anuário Antropológico/83*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- \_\_\_\_\_. “O Espírito da Aldeia”, in *Novos Estudos Cebrap*, n. 27, São Paulo, jul./1990, pp. 45-66.
- FREYRE, G. *Sobrados e Mocambos*. 3ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e Mocambos*. São Paulo, Nacional, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. Rio de Janeiro, Artenova, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.
- \_\_\_\_\_. *Como e por que Sou e Não Sou Sociólogo*. Brasília, UnB, 1968.
- \_\_\_\_\_. *O Escravo nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. Recife, Imprensa Universitária, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Nordeste*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista”, in *Ciência Hoje*, v. 3, n. 18, Rio de Janeiro, maio-jun./1985, pp. 83-7.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia: Introdução ao Estudo de seus Princípios*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia: Introdução ao Estudo dos seus Princípios*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962a, pp. 624-5.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto Regionalista, Tradicionalista e, a seu Modo, Modernista do Recife*. Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947.
- \_\_\_\_\_. *O Brasileiro entre os Outros Hispanos: Afinidades, Contrastes e Possíveis Futuros nas suas Inter-relações*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Realidade Brasileira*. Rio de Janeiro, Bloch/Fename, 1980.

- \_\_\_\_\_. *Insurgências e Ressurgências Atuais: Cruzamentos de Sins e Nãos num Mundo em Transição*. Porto Alegre, Globo, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Além do Apenas Moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- \_\_\_\_\_. "Se Fosse Jovem, Seria Hippie", in *Veja*, n. 84, São Paulo, 15/abr./1970, pp. 3-6.
- OLIVEIRA, Lúcia L. "A Questão Nacional", in H. C. Lorenzo e W. P. da Costa (orgs.), *A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno*. São Paulo, Unesp, 1997, pp. 185-94.
- MANNHEIM, K. "O Pensamento Conservador", in J. de S. Martins (org.), *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. São Paulo, Hucitec, 1986, pp. 77-131.
- MELO, E. Cabral de. *A Fronda dos Mazombos: Nobres Contra Mascates — Pernambuco: 1666-1715*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- PEREIRA, A. *Ensaio Histórico e Político*. São Paulo, Alfa-ômega, 1979.
- REZENDE, Maria. J. de. "A Democracia em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda", in *Plural*, 3, São Paulo, USP, pp. 14-48, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Mudança Social no Brasil: a Construção de um Ideário conservador", in *Tempo Social*, 10(2), São Paulo, out./1998, pp. 159-189.
- \_\_\_\_\_. "A Concepção de Mudança Social em Sílvia Romero: uma Leitura Singular da Política Brasileira no Final do Século XIX", in *Acta Scientiarum*, 20 (1), Maringá, UEM, 1998, pp. 95-105.
- SCHWARTZ, S. B. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 237.
- WEBER, M. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
-